A Personagem na Escrita Jornalística: Construindo Esboços e Rompendo Limites[1]

Rejane Moreira[2]
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Resumo

Este artigo busca discutir as possibilidades de abertura da escrita jornalística. A partir da concepção de que o texto jornalístico se constitui com regras mais ou menos variáveis, exercitamos o nosso olhar para apreender em que medida essas regras escapam, se quebram, fazendo o texto variar em múltiplos sentidos. O ambiente que escolhemos para tal exercício diz respeito ao gênero reportagem e seu artifício de construção das personagens. A reportagem erige formas de estabelecer uma relação espaço-temporal particularizada, produzindo contextos e situações mais afeitos às multiplicidades dos tipos e personagens das histórias. Com algumas ilustrações da revista *Brasileiros*, nosso objeto de estudos nos últimos anos, pretendemos dimensionar esses processos de construção da escrita, bem como as formas de apresentação das personagens no texto.

Palavras-chave
reportagem; autor; jornalismo; narrativa; escrita.

Desafios do texto jornalístico: as marcas da personagem e do autor

> Textos são produtos semiacabadaos. Suas linhas não só se apresentam em direção a um ponto final, como também ultrapassam-no ao encontro do leitor, de quem se espera que o complete
>
> Vilém Flusser

Em contundente livro denominado *A Fabricação da Informação- os jornalistas e a ideologia da comunicação*, os franceses Florence Aubernas e Miguel Benasayag colocam em suspensão o papel da mídia como aquela que desvenda a realidade. Ao apontar as engrenagens complexas que envolvem a "fabricação da informação", os autores lembram que existe uma vontade de verdade arraigada no modelo de transparência como norma central da prática jornalística. Neste sentido, afastar a prática jornalística do campo de

[1]Trabalho apresentado no GP Jornalismo Impresso, XIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

[2] Doutora em Comunicação e Cultura pela UFRJ, professora adjunto II do curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, vice coordenadora de curso da UFRRJ, coordenadora do NECOM e coordenadora do GP-Jornalismo Impresso da INTERCOM 2013. rejanemmoreira@gmail.com.

forças, das disputas e dos jogos de poder que operam microfisicamente no texto, na escolha do ângulo e na forma de narrar a história é no mínimo desconsiderar um processo rico de construção do "mundo e seus habitantes". Por isso Florence Aubernas e Miguel Benasayag nos oferecem um manancial de argumentos e situações em que buscam compreender esse funcionamento. A escrita jornalística estaria assim sentenciada à transparência, à objetividade, à veracidade como forma de manutenção de determinadas ideologias.

A fabricação da informação é minuciosa, detalhista e meticulosamente trabalha a pauta e a angulação; ela também calcula e sistematiza as falas a fim de deter os fatos. A partir de ideologias os controles são forjados para encapsular os textos. As marcas deixadas nos textos são tão claras quanto essa vontade de verdade e os *estereótipos*[3] seriam as formas como essas marcas comparecem nos textos. Nesse processo de fabricação surgem as vozes, as personagens, as situações, e os discursos como matrizes desse procedimento.

Segundo os autores, e temos como dimensionar uma crítica explícita ao jornalismo, o exercício da escrita jornalística se realiza no preenchimento, mais ou menos rigoroso, de espaços discursivos estipulados pelo senso comum. De fato, é na busca das personagens e também das falas que legitimam os fatos que os jornalistas se debruçam. Esse processo é dinâmico e torna-se perigosamente despercebido pelos jornalistas, pois nesse movimento de construção da informação a linha de conforto é mantida pelos modelos comuns de pensar. Num acidente de carro, por exemplo, o bombeiro, o parente da vítima e um transeunte garantem a veracidade da notícia. Mas existem aí certos perigos que não explicitam essas escolhas e não conseguem abarcar a complexidade das situações. Quando a vontade de verdade apenas pretende atestar os lugares de simbolização preestabelecidos pelo senso comum é constituída uma forma única de apreender o acontecido. Os autores afirmam:

> tornou-se raro poder seguir o fio da história, ir ao sabor da situação sem tentar calcular, mesmo sem qualquer malícia, aonde ela vai levar. O jornalista raramente "descobre". No melhor dos casos, encontra, e no pior encontra o que procura. [4]

Neste aspecto, os franceses colocam em xeque a dimensão processual e autônoma da produção da notícia, que entra numa mecânica industrial quando o jornalista assume a (im) postura de apenas ratificar o que está sendo procurado. A construção da informação

[3] Segundo dicionário, s são generalizações que as pessoas fazem sobre comportamentos ou características de outros, e é um termo de origem grega. Estereótipo significa impressão sólida, e pode sobre a aparência, roupas, comportamento, cultura.
[4] *Cf.* AUBENAS, F & BENASAYAG, M. **A fabricação da informação – Os jornalistas e a ideologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003. pg.19

coloca inclusive o jornalista num lugar de fala do senso comum. Seria papel do jornalista buscar personagens que se encaixem ao emaranhado de discursos comuns balbuciadas nos aquários das redações. A pauta direciona, o ângulo se apresenta e o jornalista atesta espaços preestabelecidos. Buscar personagem é assim tarefa trivial do jornalista que continua sendo um "direcionador de afetos".

De fato, não há, na análise dos autores, uma discussão sobre gêneros e seus diversificados enfoques que giram em torno da construção da personagem. O que os autores pretendem pensar é como a personagem está garantida de antemão. Essa prática evita a multiplicidade das vozes, evita as contradições dos acontecimentos e acima de tudo leva para o leitor uma matriz personagem que garante a legitimidade da informação. Um processo de captura se empreende com a personagem, que aparece apenas como lugar de composição.

Uma questão se faz necessária a partir das análises dos autores franceses: como explorar outras características das personagens no texto jornalístico? Nossa intenção nesse artigo é discutir as potencialidades da escrita jornalística, que mesmo se construindo a partir de cânones metodológicos (*lide, pirâmide invertida*, por exemplo) consegue escapar e buscar narrar potências. Para isso nos aliamos à reportagem que parece complexificar as relações com o texto na medida que "estende" a escrita. O gênero reportagem possui características próprias e faz a escassez da informação do factual se desdobrar numa atividade de escrita mais densa. Pensaremos acerca dessa modalidade de escrita mais a frente no artigo.

Como bem nos apresenta Vilém Flusser o texto é *seminacabado* e é também um "ato político" diante do outro. Neste sentido, escrever requer uma dose de ousadia, mas também de deferência. Escrever é trazer assim formas significativas e modos de leituras para essas formas. Assim, a escrita tem como função arriscar-se nesses sentidos. Mas nem todos os textos são iguais, nem todos buscam ter coesão, sentidos unos ou formas de entendimentos claros como o texto jornalístico, por exemplo. Flusser propõe então uma tipologia de textos e define dois deles: os comunicativos e os expressionistas. Os expressionistas parecem difíceis, já que são escritos "sob pressão". São textos científicos, que buscam, de certo modo, produzir reflexões formais. Esses textos possuem também chaves de leituras preestabelecidas, que se aliam ao inacabado na busca de múltiplos sentidos. Estar inacabado então é a ordem desse texto, que conta com a recepção ativa em seu procedimento significativo. Mas o texto comunicativo quer:

> uma recepção confortável, quer ser facilmente legível. Por isso, devem ser "denotativos", isto é transmitir uma mensagem inequívoca. A consequência é que esse tipo texto é interpretado da mesma forma por todos os leitores.[5]

Essa tipologia proposta pelo autor entende que os textos comunicativos devem estar numa certa "zona de conforto" do sentido. Neste caso, os critérios temporais, espaciais e discursivos mantêm-se como guias em sua processualidade. O texto jornalístico é um texto comunicativo e com o firme propósito de precisar, calcular e sistematizar os acontecimentos em sua objetividade. No entanto, mesmo a escrita clara e sistematizada, pode permanecer inacabada, cheia de brechas e furos? Mesmo sendo de naturezas diferentes, os textos comunicativos podem ter um devir dos textos expressionistas? Nossa aposta é que algumas formas muito específicas de tratar o texto jornalístico podem fazer com que eles se dobrem e singularmente se abram para além de sua principal vontade que é transmitir, comunicar e sistematizar para ser reconhecido.

Nossa pergunta persiste: como então fazer dobrar esse texto, pra que ele se torne múltiplo, mais cheio de atalhos em vez de direções preestabelecidas, sem com isso perder sua vontade informativa? Tarefa difícil para o jornalismo, pois a práxis jornalística impõe cotidianamente ao jornalista uma forma específica de lidar com a escrita, de produzir os textos e fazer encontrar o outro leitor. Num trecho esclarecedor de seu guia da reportagem, Nilson Lage apresenta os aspectos históricos do nascimento do jornalismo como técnica. A partir do desenvolvimento das indústrias que prosperaram na América (Joseph Pulitzer e William Randolph Hearts) a notícia ganha um forma moderna de narrar e reproduz a informação como dados objetivos e fontes fidedignas. Segundo Lage:

> a notícia ganhou sua forma moderna, copiando o relato oral dos fatos singulares, que, desde sempre, baseou-se, não na narrativa em sequencia temporal, mas na valorização do aspecto mais importante de um evento. No caso do texto publicado, essa informação principal deve ser a primeira, na forma de *lead* – proposição completa, isto é, com as circunstâncias de tempo, lugar, modo, causa, finalidade e instrumento.[6]

O domínio técnico do texto jornalístico impõe olhar singular sobre o cotidiano. Neste contexto, vemos surgir uma espécie de cruzada contra os discursos retóricos e a linguagem jornalística passa a ser regulada pela clareza e economia de termos. Esse programa, de apreensão do mundo de forma explicativa, aciona uma forma específica de

[5] *Cf*. FLUSSER, V. **A escrita – Há futuro para a escrita?.** São Paulo: Annablume, 2010, pg.69.
[6] *Cf* LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de janeiro: Record, 2004. pgs 18-19

construção da personagem e marca a posição da autoria. Para se construir um texto conciso é preciso diminuir a autoria em prol da objetividade. A marca do sujeito no texto é paulatinamente apagada para dar luz à "informação". A concepção da personagem passa, portanto pela posição da autoria no texto. Mas o que é o autor no texto jornalístico? Como ele é marcado? Que relações possíveis trava com a personagem? Certamente, esse autor como percebemos nos manuais jornalísticos é dirimido. Há uma tentativa de apaga-lo, de absorvê-lo, pois a verdade, o fato, a objetividade devem ser evidenciados por sua supressão.

Tentando encontrar pistas para atrelar nossas questões, nos deparamos com um texto auspicioso e sofisticado de Giorgio Agamben sobre o problema do autor. O italiano discute em algumas páginas a difícil caracterização do autor e as rupturas que Foucault propõe, em suas incursões filosóficas, com essa função.

Inicialmente Agamben admite que a expressão "o que importa quem fala, alguém diz, o que importa quem fala", proferida por Beckett, não deve ser totalmente abandonada. Dizer que o autor não existe é ser dito por alguém. Portanto, temos aí um paradoxo fundamental para pensar a dimensão da autoria. Como sabemos, Foucault não estava se referindo à dimensão individual do autor, ou seja, ao indivíduo real dotado de identidade e vontade, mas a uma "função-autor", Foucault assim completa:

> O autor não é uma fonte infinita de significados que preenchem a obra, o autor não precede as obras. É um determinado princípio funcional através do qual, em nossa cultura, se limita, se exclui, se seleciona: em uma palavra, e o princípio através do qual se criam obstáculos para a livre circulação, a livre manipulação, a livre composição, decomposição e recomposição da ficção.[7]

A função-autor se caracteriza por modos de circulação de discursos. Ele autentica o texto, instaura discursividade e se coloca como princípio funcional. Agamben acrescenta ainda que esse princípio funcional deixa marcas nos textos. Nessa ordem, Agamben entende ainda que mesmo estando relacionada ao princípio funcional, a questão de Foucault é ultrapassar essa demarcatória. No exercício de sua escrita, Foucault "descobre" principalmente num texto menor denominado "*A vida dos homens infames*" de como as marcas da autoria, quando estão em jogo, processualizam gestos múltiplos, deixam vazios de sentidos e propõem múltiplas expressividades. O que quer dizer isso? Quer dizer que Foucault, ao encontrar nos anais de medicina a retratação de vidas estranhas, os homens infames, a partir do discurso médico e jurídico, percebe que esses discursos não conseguem

[7] *Cf* AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007. pg.57

açambarcar todas as potências desses homens. No texto, Foucault entusiasmadamente, nos apresenta como a autoria do discurso médico e jurídico propõe capturar esses homens, ao mesmo tempo em que apresenta espaços para o "inexpressivo". Nesse jogo curioso, o autor fala do outro, mas não totalmente, pois esse fala "que está em jogo" deixa brechas e furos. O autor então se torna um gesto, que está em jogo nos procedimentos da narrativa. Em trecho inspirado Agamben cita Foucault:

> a marca do escritor reside unicamente na singularidade da sua ausência; a ele cabe o papel do morto no jogo da escritura". O autor não está morto, mas pôr-se como autor significa ocupar o lugar de um morto. [8]

A relação autor personagem é uma tônica que caminha de mãos dadas com a literatura. E na literatura a personagem também é um gesto. Não é um lugar marcado, mas um espaço preenchido por gestos. O desafio da escritura jornalística, diante dessas questões, seria então apresentar no texto as marcas apagadas do autor e da personagem e deixar que a relação entre as duas formas encontrem caminhos narrativos que se joguem para o leitor. Desafio maior é construir um texto que se coloque no lugar das disputas discursivas, dos campos de força, mas que continue aberto para as múltiplas leituras. Seria possível assim produzir múltiplos gestos com e na personagem na aventura da escrita jornalística? Para responder nossas indagações, propomos ao final do texto um exercício de observação textual de reportagens da revista *Brasileiros*.

Proposta de formas de escrita: o lugar da etnografia

> Fazer passar uma multiplicidade dentro da outra.
>
> Gilles Deleuze

Se tomarmos a etimologia da palavra personagem, que vem do termo *persona*, do latim máscara, poderemos dimensionar o quão multifacetada a construção da personagem se dá no texto. A personagem não é uma identidade pré-fixada, ela se apresenta como uma máscara, um tipo, um desenho. Se não é uma identidade, ela se constitui a partir de encontros que atravessam os limites do verossímil e do fabuloso. Encontramos também na pesquisa etnográfica um modo de pensar o outro e de se aventurar pela pelas questões da autoria e da personagem. No livro "As aventuras urbanas- ensaios e etnogafias", de Janice Caiafa, há uma menção à etnografia como " ao mesmo tempo um tipo de investigação e um

[8] *Cf.*AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007. pg.58

gênero da escritura que se desenvolve na tradição da antropologia". Mas de fato, com a etnografia surgem os relatos de viagens, que eram escritos como forma de apreender as diversidades dos viajantes por terras distantes. Os viajantes, por estarem distantes conviviam com o "o outro" de forma densa, curiosa, destoante. Era preciso narrar essas experiências, encontrar as intercessões entre o eu e o ele.

A escrita jornalística é uma forma de narrar o outro. Mas como trazer para a escrita jornalística os estrangeirismos, as multiplicidades de vozes e fazer evocar as diferenças? A escrita jornalística busca como apontamos as verdades, a clareza e a coesão dos acontecimentos. É possível que a escrita jornalística se encontre com a experiência etnográfica?

Trata-se incialmente de uma postura ousada do jornalista querer se encontrar com a potência da escrita etnográfica. O texto etnográfico possui uma dimensão processual bem diversa da escrita jornalística. Mas essa diferença de natureza não impede que intercessões sejam arranjadas, que atravessamentos e agenciamentos sejam realizados na prática jornalística. Não queremos aqui aplicar a escrita etnográfica no jornalismo, mas fazer circular modos diversos de narrar o outro, de se encontrar com a diversidade e buscar uma narrativa.

A experiência etnográfica coloca em potência a relação com "o outro". Mas para buscarmos esse olhar da etnografia temos que entender que não é uma receita de bolo que marca o texto do etnógrafo. Num trabalho de campo, não há um passo-a-passo, nem um manual preestabelecido, mas um processo, um avanço que se empreende no olhar do etnógrafo e de seu objeto de estudo. Uma diferença se apresenta entre o texto jornalístico e o texto etnográfico: os esquemas formativos. Caiafa acrescenta:

> Foi justamente contra esse esquema- em diferentes graus e às vezes assinalando por outro lado os seus méritos – que se colocaram muitos dos novos experimentos. Caracteristicamente, eles tentam trazer, por vezes materialmente e de diversas formas, as palavras dos outros presentes na experiência de campo até o texto etnográfico. Há uma valorização do campo, ainda que varie muito a maneira de conceber esse momento.[9]

Nessa direção que poderemos agora pensar acerca das diferenças e semelhanças entre a prática da escritura jornalística e a escritura etnográfica. Em geral a prática jornalística tem como função detectar, avaliar e difundir as notícias. Essas características definem uma fórmula e um esquema que determinam uma práxis. Ao contrário desse modo

[9] *Cf* CAIAFA, Janice. **Aventura nas cidades- ensaios e etnografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. pg. 158

de operar, a escrita etnográfica fortalece as manobras, os processos entre o autor e seu objeto. Segundo Caiafa, não há uma preocupação, em algumas experiências de escritas etnográficas, em transcrever com "abundância as palavras dos informantes", mas colocar em relação no texto seu aspecto "insular", os vazios de compreensões das falas como forma de produzir mais estranhezas no texto. Nesse processo, continua a autora, o texto apresenta mais furos que interpretações.

Ao apresentar Dwyer e sua relação com a escrita no livro *Moroccam Dialogues* (1882), a pesquisadora procura refletir sobre os diversificados procedimentos de narrativas encontradas nas experiências desses antropólogos, que ao irem para o campo, levavam consigo uma atitude denominada "vulnerabilidade". Segundo Caiafa, essa atitude trazia mais fortemente para o texto certa abertura para o encontro do etnógrafo com o outro narrado. Ao invés do etnógrafo propor uma demarcação rigorosa entre o outro e o eu, a partir de esquemas discursivos, de identidade, ou demarcações com a linguagem, o etnógrafo, de forma ousada, buscava deixar em suas narrativas espaços vazios das interpretações.

Ao apresentar a proposta da etnografia, a professora, nos faz perceber quão diferentes e experienciais podem ser as escritas que buscam narrativas sobre o outro. Num trecho esclarecedor, Caiafa aponta que Dwyer "nos permite colocar a questão das palavras de outrem no texto etnográfico". Em muitas situações, o etnógrafo descreve os diálogos com seu informante, propondo representar uma fala coloquial, provocada fundamentalmente pelas perguntas do pesquisador. Mas a professora percebe também o quão limitado é a forma do discurso direto na produção do texto. Em muitos momentos as perguntas e respostas se apresentam em blocos, fazendo notar o autor (etnógrafo) do personagem (outro) narrado. Caiafa salienta:

> nada disso invalida o experimento do autor. Mas nos faz pensar. Parece que o uso do discurso direto, embora seja um ingrediente importante na escritura etnográfica, não basta pata garantir a polifonia, o relato da enunciação coletiva que poderia ressoar a experiências de campo[10]

No texto jornalístico podemos perceber que há um procedimento de enfatizar a fala do outrem. Ao produzir uma matéria, para validar ou legitimar uma fala, coloca-se a fonte (informante) para discorrer. As aspas são acionadas como valoração da fala. Neste sentido, o jornalista se isenta do processo e "deixa o outro falar". É uma prática comum no processo

[10] *Cf* CAIAFA, Janice. **Aventura nas cidades- ensaios e etnografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2007. pg. 159

de construção da notícia. Mas outras formas de narrar podem ser viáveis na prática jornalística.

A partir de estudos de Bakthin percebemos como a ideia de discurso direto pode se apresentar como esquema preestabelecido que mantém as formas variáveis da linguagem mais compactas e apresentadas em blocos. O esquema pergunta-resposta pode ser um método interessante para a etnografia e também para o jornalismo, mas ela coloca ainda o processo de construção da personagem numa modalidade de transmissão. Nesse sentido, a preocupação com a marcação da fala do outo, com a posição das aspas, no caso da escritura jornalística, parece manter intacta a "relação de vulnerabilidade" que consta numa escrita potente do outro.

Colocar a fala do outro em ação junto com a autoridade do discurso exige despreocupação com os lugares demarcados na enunciação. Ou seja, é numa certa relação de "precariedade aleatória" dos lugares da enunciação, que as potências narrativas aparecem. Essas são as relações que instauram zonas estéticas autor-personagem, apontadas por Bakthin. O exercício da escrita, então, seria alcançar essas zonas estéticas. Mas para isso é necessário que o autor perca estrategicamente sua função e se coloque num processo de dispersão das particularidades da personagem. Ao dotar a personagem de certas particularidades – bondoso, mau, egoísta - o autor traduz uma posição "prático-vital". Segundo Bakthin, "trata-se apenas de impressões fortuitas do todo ou de uma generalização empírica precária". Esse processo de construção deve permanecer precário e rudimentar, pois somente assim as diretrizes axiológicas da personagem poderão desenvolver um movimento estético na narrativa. Bakthin indica:

> O autor não encontra de imediato para a personagem uma visão não aleatória, sua resposta não se torna imediatamente produtiva e de princípio, e de tratamento axiológico único desenvolve-se o todo da personagem: esta exibirá muitos trejeitos, máscaras aleatórias, gestos falsos e atos inesperados em função das respostas volitivos-emocionais e dos caprichos de alma do autor; através do caos de tais respostas, ela terá de inteirar-se amplamente de sua verdadeira diretriz axiológica, até que sua feição finalmente se constitua em um todo estável e necessário.[11]

Aspecto importante elencado por Bakthin no processo de construção autor-personagem é a intensa questão com a aproximação-distanciamento. Ou seja, é numa precariedade dos lugares discursivos que autor-personagem se inventam. O autor indica ao personagem seu desenho, mas ao indicar ele também se inventa na relação. Num só

[11] *Cf*. BAKHTIN, Mikhail**. Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins. 2011. pg.4

momento está próximo e distante. Dois procedimentos, então, se tornam fundamentais nesse jogo mútuo de construção estético: primeiro o afastamento das forças históricas e psicológicas e segundo a tensão entre proximidade-distanciamento na composição dos lugares de enunciação.

Segundo o autor, isso é uma construção genérica. Realmente não encontramos um método de produzir essa relação estética, mas é possível observá-la em alguns movimentos textuais. Mas a questão com o jornalismo persiste. A questão com o jornalismo reside também na construção da objetividade como mote central da sua escritura. Para o campo jornalístico a objetividade pondera a relação do autor com a realidade. Muitas vezes o lugar autor-personagem está preestabelecido, como nos aponta Florence Aubernas e Miguel Benasayag. Mesmo entendendo que há uma impossibilidade de fato em buscar essa realidade fundamental, o jornalista a escreve e a expressa em seu texto. Nessa lógica operativa as questões com a estética podem se perder. Percebemos, portanto certa impossibilidade da relação estética de se produzir no fazer jornalístico, mas outras dimensões se abrem, como nos incita a repensar Bakhtin:

> quando a personagem e o autor coincidem ou estão lado a lado diante de um valor comum ou frente a frente como inimigos, termina o acontecimento estético e começa o acontecimento ético que o substitui (o panfleto, o manifesto, o discurso acusatório, o discurso laudatório e de agradecimento, o insulto, a confissão-relatório, etc.), [12]

Se não há possibilidade de pensar a dimensão estética na escritura jornalística, podemos pensar a dimensão ética. Logo a seguir faremos um exercício de observação textual em busca dessas questões na prática da escrita jornalística. Utilizaremos algumas reportegens da revista *Brasileiros* como forma de ilustrar nosso pensamento.

Uma experiência jornalística

Há três anos, desde a institucionalização do Núcleo de Estudos em Cultura Midiática (NECOM), instaurado na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, que nos debruçamos em entender as diversas narrativas acionadas pelos meios de comunicação, bem como as potencialidades e limitações do texto jornalístico. Com apoio da FAPERJ desenvolvemos um projeto[13] que procura diferenciar a narrativa do relato jornalístico. Em nossas incursões conhecemos a revista *Brasileiros*. A revista é publicada pela Brasileiros

[12] *Cf*. BAKHTIN, Mikhail**. Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins. 2011. pg.20
[13] No ano de 2012, o NECOM foi contemplado com edital da FAPERJ de Iniciação Científica, com o projeto de pesquisa *Mídia, experiência e narrativa: os sentidos constituídos na Revista Brasileiros*.

Editora Ltda., com tiragem mensal e cerca de trinta mil exemplares em circulação. A primeira publicação da revista sai em julho de 2007 com um editorial ousado e diferente que procura mapear o Brasil e seus habitantes. A proposta gira em torno dos brasileiros, suas identificações, percursos e culturas. O nome da revista dimensiona essa vontade de pensar os brasileiros, com suas histórias e narrativas. Por isso a revista investe na reportagem como mote de produção. São colaboradores e profissionais independentes que são convidados a participar da revista.

A partir de análises e observações com a *Brasileiros* pudemos perceber que a vontade de produzir reportagens vinha de uma escola de jornalistas, entre eles os idealizadores da revista, Hélio Campos e Ricardo Kotscho. A reportagem é tipo de gênero da escrita que adensa o acontecimento e estende a narrativa em busca de formas outras de narrar. Numa reportagem é possível voltar na história, reconstruir a personagem e apresentar os "estrangeirismos do outro". Portanto para pensarmos as potências do texto é preciso recorrermos à reportagem. Ela nos proporciona mais possibilidades de pensar os deslizes do texto.

A reportagem tem forte influência na formação de jornalistas brasileiros na década de 60. Como citado acima Kotscho e Campos se formaram para além do "disciplinamento técnico" das redações. A grande reportagem era a ferramenta fundamental para aprofundar os fatos, envolver o leitor, circunscrever as histórias e buscar chegar de forma mais honesta à verdade. Neste sentido, a reportagem deve ser capaz de captar, investigar e perceber os acontecimentos sem se "agarrar no senso comum excessivo". A reportagem busca pensar uma época e narrar essa época de forma singular.

Um aspecto importante da prática da reportagem é o posicionamento da autoria (repórter). Se no jornalismo factual a posição do repórter deve ser paulatinamente apagada em prol de um discurso objetivista, na reportagem esse lugar é garantido como forma de posicionamento interpretativo.

Numa matéria do número 2 de 2007, em 12 páginas, sobre os constantes acidentes de avião e a precariedades das rotas das aeronaves, bem como dos aeroportos, Nirlando Beirão, Tão Gomes Pinto e Ruy Fleming propõem uma visada profunda sobre os acidentes e os envolvidos nos acidentes. Numa linha discursiva que mescla o factual, pois o acidente tinha acontecido naquele mês, os repórteres vão em busca de explicações técnicas e políticas sobre o assunto. Entrevistam o presidente da TAM, discutem a companhia GOL, recolocam os aspectos públicos de gestão e apresentam em diversas páginas seus

posicionamentos diante dos elementos discutidos. A posição dos autores comparece no texto, como trecho a seguir:

> Os usuários dos aviões continuam a empurrar seus carrinhos de bagagem pelos corredores apinhados dos aeroportos. Antes, as despedidas eventuais eram, na maioria, "tchaus" leves e alegres. Mesmo de abraços fundos, carregados da emoção que marca as grandes separações traziam embutida a certeza da volta.

Percebemos que o autor traz uma impressão sua, ao mesmo tempo que descreve poeticamente uma cena. Há uma imersão do leitor na cena. Mais a frente ele continua

> Tudo acontecia nos saguões dos aeroportos. Acontece ainda, mas agora, se calhar, me meio a gritos histéricos, troca de tapas no check-in entre passageiros e recepcionistas, grupos improvisados cantando o Hino nacional sem talento e sem maestro, desordem pura, lágrimas, indagações perplexas – onde eu vou dormir? – televisões em cima, tentando captar a melhor imagem e fechando na dona de casa urbana, classe média assumida, exibindo um nariz de palhaço.

A reportagem exposta, segue, em geral as caraterísticas presentes na *Brasileiros*. A revista apresenta de forma particular as reportagens que podem se estender por 15 páginas. A relação repórter-fotógrafo também é garantida nas matérias. Essa relação, aliás, é intensificada na medida que as imagens não funcionam apenas complemento das matérias.

Nos primeiros números da revista, de 2007 a 2008, percebemos que as reportagens primam em construir personagens. Nesse processo de construção muitos elementos, como o ambiente da ação, os detalhes e caraterísticas das personagens, bem como o contexto da história são considerados minuciosamente.

Numa interessante construção vemos na revista Número 7 de 2008, uma matéria de Fernando Granado com fotos de Biô Barreira, a retratação da profissão de sineiro. O texto gira em torno da figura de Zezinho, um sineiro que vive numa comunidade na Chapada da Diamantina. A primeira vista o texto se apresenta simples, mas no decorrer da reportagem questões interessantes são levantas. A festa religiosa da comunidade e alguns aspectos da personagem, como indica o repórter ao mencionar Zezinho: "sua maior diversão, além de trocar o sino, é visitar gente doente pelas comunidades rurais".

A proposta visual da revista abusa de cores e formas despojadas. Vemos também que a diagramação, apesar de ousar, busca uma identidade visual em cada seção ou página. Podemos perceber que a imagem tem destaque principalmente em grandes reportagens.

Intuímos que a *Brasileiros* consegue trazer para a construção textual múltiplos elementos que não aprisionam os sentidos unilateralmente. Com a utilização de grandes reportagens e posições imersivas dos repórteres podemos dizer que *Brasileiros* exercita a prática jornalística de forma singular.

Referências bibliográficas

AGAMBEN, G. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

AUBENAS, F & BENASAYAG, M. **A fabricação da informação – Os jornalistas e a ideologia da comunicação**. São Paulo: Loyola, 2003.

BAKHTIN, Mikhail**. Estética da Criação Verbal**. São Paulo: WMF Martins. 2011.

CAIAFA, Janice. **Aventura nas cidades- ensaios e etnografia**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.

FLUSSER, V. **A escrita – Há futuro para a escrita?.** São Paulo: Annablume, 2010.

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de janeiro: Record, 2004.

SODRÉ. M. A **narração do fato. Notas para uma teoria do acontecimento**. Petrópolis, Vozes, 2009.

OUTROS
Brasileiros números 7 e 2.